

Os diários de Clarice Tavares
Xavier: uma leitura sobre o
lazer e sociabilidade da elite
pelotense (1950)

The diaries of Clarice Tavares
Xavier: A reading on the
leisure and sociability of the
pelotense elite (1950)

Letícia Portella Milan¹



Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma investigação histórica sobre os espaços de lazer e sociabilidade de Clarice Tavares Xavier na cidade de Pelotas. Clarice era uma jovem pertencente a uma tradicional família de Pelotas quando, entre os anos de 1954 a 1956, escreveu dois diários relatando seu cotidiano em espaços educacionais, de lazer e sociabilidade na cidade. Concebendo os diários de Clarice como fonte e objeto da pesquisa, o objetivo dessa investigação histórica consiste em compreendê-los como instrumento de uma “construção de si” da identidade das mulheres de elite. Para isso, determinados espaços de lazer e sociabilidade são formadores de sua distinção social em que as normas sociais e de etiqueta compõem em maior ou menor medida a identidade de Clarice. Nesse sentido, o presente artigo pretende situar a escrita de si feminina como uma fonte que ultrapassa uma leitura somente do indivíduo e que ajuda a compor uma história urbana de Pelotas a partir dos espaços de lazer e sociabilidade de Clarice Tavares Xavier. **Palavras-chave:** Sociabilidade; Escrita de si; Diários; Elite; Pelotas

Abstract: This article aims to present a historical investigation about Clarice Tavares Xavier’s leisure and sociability spaces in the city of Pelotas. Clarice was a young woman who stemmed from a traditional southern family when, between the years 1954 to 1956, she wrote two diaries reporting her daily life in educational, leisure and sociable spaces in the city. Understanding Clarice’s diaries as a source and object of research, the objective of this historical investigation is to analyze the diaries as an instrument of “constructing of the self” of the identity of elite women. Therefore, certain spaces of leisure and sociability form the social distinction in which social norms and etiquette make up, to a greater or lesser extent, Clarice’s identity. In this sense, the present article intends to situate the writing of the feminine self as a source that goes beyond a reading of the individual and that helps to compose an urban history of Pelotas from



the leisure and sociability spaces of Clarice Tavares Xavier.
Keywords: Sociability; Self-writing; Diaries; Elite; Pelotas

Letícia Portella Milan
Os diários de Clarice Tavares Xavier:
uma leitura sobre o lazer e sociabilidade
da elite pelotense (1950)



Introdução

As narrativas dos indivíduos sobre as relações íntimas, espaço privado e os sentimentos são, para os historiadores, fontes que possibilitam a construção de uma história das miudezas do cotidiano, da intimidade e das subjetividades. Dado o exposto, o presente artigo tem como fonte diários íntimos, nas quais pelo caráter narrativo reflexivo do sujeito, estão relacionadas à “Cultura escrita ou a escrita de si” (GOMES, 2004). Esse trabalho é parte de uma dissertação de mestrado acerca dos espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense, tendo como fonte dois diários íntimos datados de 1954 a 1956, escritos por Clarice Tavares Xavier, uma jovem moça de elite na época em questão. Para além dos diários, entrevistas orais foram realizadas a partir de 80 nomes citados por Clarice em seus diários, sendo a maioria mulheres. Também foi realizada uma pesquisa nos jornais da cidade localizados no arquivo da Biblioteca Pública de Pelotas.²

Desse modo, no percurso da pesquisa, a análise a partir dos diários indicou maior evidência sobre a relação da construção de si de Clarice a partir de sua vivência em espaços de lazer e sociabilidade na cidade. Isso significa afirmar que os diários enquanto fontes históricas são mais do que uma experiência puramente individual, eles são interpretados como um instrumento que torna inteligível a relação da construção de si com a experiência social.³ Logo, a escrita de si como formação de si (FOCAULT, 2004) tem inserção nesse trabalho no sentido de pensar os diários de Clarice como construção de conhecimento no sujeito voltado para si e para o outro. Tendo em vista essa premissa, a proposta da pesquisa teve como objetivo construir um estudo sobre Pelotas abordando uma leitura dos espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense por meio das narrativas de Clarice Tavares Xavier.⁴ Com base nisso, o presente artigo é parte de uma pesquisa finalizada que, se por um lado, discutiu a relevância das produções do eu como construtor de identidades, por outro lado, revelou a dinâmica da malha urbana através das vivências de uma jovem em atividades e espaços relacionados ao processo de modernização da cidade. Com base nessas premissas, o objetivo neste texto será apresentar os espaços de lazer e sociabilidade urbana experienciados por Clarice em seus diários nas décadas de 1954 à 1956.

Letícia Portella Milan
Os diários de Clarice Tavares Xavier:
uma leitura sobre o lazer e sociabilidade
da elite pelotense (1950)



A reminiscência de uma elite em decadência? Construindo o objeto de pesquisa a partir dos diários de Clarice Tavares Xavier

Pelotas, Rio Grande do Sul, 3 de fevereiro de 1955

Como de costume, Clarice sempre percorria o centro da cidade na expectativa de encontrar belos tecidos para seus vestidos de festa. Seguindo seu tradicional trajeto pela rua XV de Novembro, as narrativas de Clarice revelam o anseio de avistar os rapazes que lhe interessavam e o objetivo de comprar apetrechos para sua fantasia de carnaval. No fluxo de escrita sobre o planejamento da fantasia, Clarice retoma memórias sobre as atividades do dia anterior, ao relembrar a ida ao cinema e a ansiedade em torno da chegada do domingo para assistir ao filme *Os homens preferem as loiras*. No mesmo fluxo de pensamentos, Clarice também menciona a felicidade que estava sentindo sobre a expectativa dos elogios que esperava receber por estar ficando magra. Como de costume, a “magreza” de Clarice também era uma idealização⁵, pois era comum cessar inúmeros regimes⁶ por conta de festividades que frequentava. Um bom exemplo é quando ela comparece ao casamento de Suzana Simões Lopes, uma mulher pertencente a uma tradicional família pelotense e que provavelmente exibiu em sua festa um banquete de doces e salgados tradicionais da cidade. Clarice comenta ter se esbaldado em doces e tece a seguinte avaliação sobre a festa:

Tudo muito imponente. Gente chique à beça, mas tudo muito mal servido. Eu agarrei tudo o que podia aquela noite tive que romper o regime. Os dois noivos irradiando contentamento. Eu estava comendo doces quando uma pedante começou a falar dos casamentos das filhas do Visconde da Graça. (3 de fevereiro de 1955).

O comentário de Clarice parece desinteressante e vazio de informações, afinal, ela apenas relata algo trivial sobre o casamento de Suzana. Contudo, um olhar atento a esse relato nos remete às memórias antigas da metade do século XIX, especificamente das filhas de João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça. A especificidade dessa memória está a partir da rememoração de um tempo áureo da elite pelotense, como posto na tese de Jonas Vargas. A tese afirma que, no século XIX, o Visconde da Graça era um dos mais ricos charqueadores do Rio Grande do Sul, assim como financiador de melhorias importantes para a cidade, como por exemplo, investimentos na Companhia Hidráulica Pelotense, promovedor da Companhia de bondes e estrada de ferro da cidade de Rio Grande

Letícia Portella Milan
Os diários de Clarice Tavares Xavier:
uma leitura sobre o lazer e sociabilidade
da elite pelotense (1950)



até Bagé (VARGAS, 2013) e grande patrocinador do Asilo de Mendigos⁷. Em outras palavras, o charque como atividade econômica proporcionou para alguns membros da elite local prestígios que excederam a riqueza material, bem como proporcionou ascensão política em nível regional e nacional⁸. Dessa maneira, a rememoração da “pedante” é referente a casamentos que aconteceram há 100 anos atrás, uma época em que a elite pelotense era imponente, onde os arranjos familiares foram necessários para inserção dessa elite em bons negócios e cargos políticos fora da província. Na ocasião, a “pedante” do relato de Clarice revive uma memória sobre os casamentos da mesma família que Suzana, uma memória que remete há tempos em que os títulos de nobreza criavam uma “consciência de elite”⁹.

A rememoração de uma elite abastada não se manteve viva apenas no imaginário dos pelotenses, a própria historiografia sobre a cidade de Pelotas se dedicou a desenvolver pesquisas sobre aspectos econômicos e culturais focados, em sua grande maioria, nos séculos XVIII e XIX. Em outras palavras, isso significa afirmar que tanto para o imaginário das pessoas como para a produção acadêmica, o apogeu da cidade é preponderantemente decorrente da riqueza econômica das charqueadas. Logo, seu declínio, identificado pela historiografia como “decadência da cidade”, teve impacto na escolha dos períodos contextuais desenvolvidos nas pesquisas históricas sobre a cidade, já que, como afirmou Mario Osório Magalhães, o apogeu econômico das charqueadas justifica as pesquisas sobre esse período temporal porque “[...] dentro do século XX, a cidade não pode reproduzir essa experiência sociocultural com semelhante intensidade, justamente por carecer das mesmas condições materiais de que desfrutou entre 1860 e 1890” (MAGALHÃES, 1993, p. 9).

Dessa maneira, a problemática da pesquisa surgiu a partir de um duplo embate com o passado: se por um lado o relato de Clarice mostra um apego à rememoração de um tempo sublime em torno dos lucros do charque, a própria historiografia consolida esse “apego” nas pesquisas históricas quando identifica o “declínio da cidade” em consequência da derrocada do sistema econômico de uma determinada elite. Isso posto, a escolha de análise através de fontes não tradicionais (diários íntimos de Clarice Tavares Xavier) para o desenvolvimento de uma compreensão da elite e seus espaços de sociabilidade urbana na segunda metade do século XX revelou um vazio historiográfico sobre esse período. Por isso, a pesquisa em questão se tornou relevante devido à tentativa de elaborar um panorama cultural da elite após a plenitude do charque. Embora a escassez de referências sobre esse período tenha se tornado um desafio na composição de



escrita do trabalho, os diários de Clarice tornaram-se uma bússola que traceja os espaços de lazer e sociabilidade urbana de uma elite considerada falida se comparada à riqueza no século anterior. Sendo assim, a pesquisa tomou uma posição interpretativa diferente da ideia de decadência, ao considerar que “a economia baseada na produção do charque foi substituída por novas formas de produção que, embora não proporcionassem tantas riquezas como o charque, ainda possibilitaram crescimento e transformações na cidade” (MILAN, 2018, p.21).

Nesse sentido, os relatos sobre os espaços de sociabilidade e lazer nos diários de Clarice serviram como uma pequena contribuição sobre a cidade na segunda metade do século XX, em especial aos costumes e composição de relacionamentos em um período em que as configurações sociais estavam distantes daquelas bem estudadas e exploradas sobre o século XVIII e XIX. No que diz respeito ao grupo social de Clarice, compreende-se elite como “minoría que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue, etc.) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões, etc.)” (BUSINO, 1992, p. 4)¹⁰. A autora dos diários, Clarice Tavares Xavier, é considerada como uma jovem da elite devido ao lugar social de sua família no passado, sendo sua mãe, Amélia Silva Tavares, neta de Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla), rico charqueador da cidade de Pelotas no século XIX. E seu pai, João Feliciano Xavier, reconhecido médico das instituições Santa Casa, Pronto-Socorro Municipal, Instituto Agrônomo do Sul e da Companhia Rio-grandense de Seguros, além de ter sido um dos fundadores e primeiro presidente do Hospital de Clínicas “Doutor Francisco Simões” e professor da Faculdade de Odontologia. Isto posto, sabendo que a pesquisa tem como base relatos de uma pessoa em uma classe social elevada, é importante reiterar a sua “forma de exposição fragmentária” em torno da coesão da “elite” como grupo. Por isso, é fundamental lembrar que Clarice é parte de uma elite, não representante de toda elite pelotense, assim como seus diários não relatam todos os espaços de lazer e sociabilidade das elites na cidade.

O termo sociabilidades é definido, a partir de Simmel (1996), como uma forma lúdica da sociação, que combina maneiras distintas de interação dos indivíduos. A forma e o conteúdo são parte da sociação na qual a forma refere-se à interação entre os indivíduos, e o conteúdo sendo os seus instintos, interesses e impulsos. Nesse sentido, forma e conteúdo atuam de maneira dialética para o entendimento de que a interação dos indivíduos acontece a



partir dos seus interesses para a busca de uma unidade com o outro. Assim sendo, a sociabilidade é uma manifestação pura, ou seja, “não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades as quais ocorre” (SIMMEL, 1996, p. 170). Nessa perspectiva, os espaços sociais tais como passeios na praça, idas ao cinema ou prática de consumo no comércio são espaços de sociabilidade em que Clarice, a partir de sua posição social, encontra unidade com pessoas que compartilham de normas e valores correspondentes ao dela. É importante frisar que a vida social de Clarice também tem conexão com a construção de si a partir da vivência nesses espaços de sociabilidade.

Nas seções seguintes, os espaços de lazer e sociabilidades urbanas e a escrita de si de Clarice serão interpretados de forma conjunta, visto que os diários são um espaço onde ela rememorava seu cotidiano e praticava uma “educação de si” sobre seus sentidos no meio social. A escrita e leitura dos diários têm o potencial de colocar o autor em leitura de si mesmo a partir de um movimento entre memórias do passado e memórias do presente em movimento. Sendo assim, as interações sociais nos espaços de sociabilidade relatadas por Clarice são um importante componente na constituição de sua identidade, pois é a partir dessas vivências que podemos ter acesso às suas sensibilidades, expectativas sociais, aceitação ou negação sobre normas de conduta, padrões de beleza e hábitos de consumo correspondentes ao contexto da década de 1950.

O espaço urbano pelotense através dos trajetos de Clarice: *Footing*, cinema e comércio

A década de 1950 significou um momento histórico de modernização nas cidades brasileiras, tendo em vista que a industrialização e êxodo rural trouxeram para a cidade um novo fluxo de pessoas. Como resultado, a malha urbana precisou ser remodelada em aspectos arquitetônicos que reorganizaram moradias, espaços públicos de sociabilidade e mobilidade urbana no tráfego de pedestres e automóveis. Em Pelotas, essas mudanças foram significativas na virada da década de 1940 para 1950, com um cenário desenhado a partir dos seguintes números: 2.997 Km² de área física; 127.641 habitantes; a zona urbana totalizava 81.863 habitantes; e, na zona rural 45.778¹¹. Ou seja, o aumento de habitantes no espaço urbano sinalizou uma mobilização administrativa na cidade para investimentos que pudessem acomodar não somente o número populacional em crescimento, mas também uma “nova ideologia urbana, na



qual os altos edifícios se impõem no cenário da urbe, como os ícones máximos do processo de modernização e indicativos de prosperidade” (LOPES, 2007, p. 38). Outro fator que a tornava próspera era sua notoriedade em nível regional devido à ampla rede de comércio. De acordo com o jornal Diário Popular, Pelotas era “destaque no conceito das cidades gaúchas e brasileiras” (LOPES, 2007, p. 37).

Ainda que o crescimento no desenvolvimento econômico da cidade fosse um aspecto positivo para os habitantes, a opinião pública percebia esse processo modernizador de forma dúbia: se, por um lado, existia orgulho devido à sua influência regional a partir do comércio e instituições culturais e educacionais de qualidade, por outro lado existia preocupação, já que o exacerbado crescimento urbano inculcava na população novos comportamentos. Um exemplo está nas críticas da mídia sobre acidentes de trânsito em função do aumento no tráfego de automóveis. A resposta ao problema veio quando a prefeitura investiu em obras de pavimentação das vias principais. Segundo André Luis Borges Lopes, as mudanças na cidade tiveram “como premissa maior, dirigir e normatizar o cotidiano e os hábitos dos habitantes da urbe, visando enquadrá-los em uma nova concepção de cidade e de espaço (LOPES, 2007, p. 51-52). A nova concepção de espaço na cidade também modificou o trânsito da classe trabalhadora, pois, segundo Leni Dittigen de Oliveira (2012), desde 1915 os bondes elétricos eram o principal transporte público dos trabalhadores. Em 1955, à medida que a cidade crescia, surgiam problemas de distribuição elétrica devido ao aumento significativo da população. Desse modo, os bondes elétricos precisaram ser extintos e substituídos por linhas de ônibus; essa mudança no transporte não foi positiva para os trabalhadores, já que as linhas de ônibus que vieram substituir os bondes foram insuficientes para o número de pessoas que circulava na cidade.

Em linhas gerais, essa breve explanação sobre as mudanças na cidade refere-se ao contexto em que Clarice escrevia seus diários. As narrativas de Clarice mostram sua movimentação na urbe pelotense, porém, com pouca menção sobre posicionamentos políticos em nível local, nacional ou mundial. No que se refere à cidade, a falta de “reclamações” sobre questões políticas de modernização é um indicador da sua fácil locomoção e vivência na malha urbana. Como posto acima, se aqueles que precisavam dos bondes elétricos foram desfavorecidos com a modernização do transporte público, a facilidade de locomoção de Clarice revela que sua moradia era próxima ou de fácil acesso ao centro da cidade. Não obstante, essa facilidade de locomoção urbana para classes abastadas é posta



por Carla Pinsky como um dos principais aspectos da modernidade, pois, além do crescimento da malha urbana, surgem também diversos espaços de lazer e sociabilidade que proporcionavam, para os afortunados, uma vida menos ociosa do que nas décadas anteriores. “Muitas das distâncias entre homens e mulheres diminuem com as transformações urbanas: novas formas de lazer, novos pontos de encontro surgem nas cidades. Modificam-se regras e práticas sociais que vão do convívio nas ruas ao relacionamento familiar” (PINSKY, 2014, pos. 202).

Pensando essas transformações por uma ótica da intersecção de gênero, classe e raça, para a vida das mulheres brancas e de classe alta o desenvolvimento da cidade significou maior liberdade de movimentação, novos espaços para exibição do poder aquisitivo e novos estabelecimentos para consumo. Nos diários de Clarice, liberdade e consumo são constantes e se deram através de atividades recorrentes como o *footing* na rua XV de Novembro, sessões no cinema, compras de tecidos, missas e consumo em cafés. Todas essas atividades estavam conectadas e funcionavam como um hábito no qual a execução de uma atividade era consequência da existência de outra atividade. A razão dessa conexão de afazeres está relacionada ao processo de modernização no contexto em questão, pois se tal processo permitia uma melhor movimentação urbana comparada ao momento histórico precedente, em contrapartida, os novos comportamentos na cidade também resultaram em contenções de deslocamento, principalmente para pessoas de classe baixa, negros e mulheres. Nesse último caso, para as mulheres, o deslocamento no espaço urbano deveria existir a partir de objetivos claros, isto é, “para saírem de casa, essas mulheres deveriam ter uma razão e um destino predeterminado e estar sempre acompanhadas, seja pelo marido, pai, irmão, irmã ou, até mesmo, por uma criança que denotasse estarem envolvidas em alguma atividade honesta” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 2917). O que a pesquisa revelou sobre a condição feminina na cidade indica a barreira tênue entre a questão de gênero e o lastro político do antagonismo de classe, na medida em que as narrativas de Clarice revelam uma circulação controlada na cidade, assim como os espaços de sociabilidade das moças da elite. Ademais, circular pela cidade proporcionava oportunidades para facilitar relacionamentos, criar contatos capazes de estreitar distâncias entre possíveis flertes, ou seja, “graças a urbanização, as antigas formas de namoro, assim como velhas regras de decência e recato, são substituídas ao longo do tempo por outras, mais íntimas, e a iniciativa da escolha do cônjuge se transfere dos pais para os próprios interessados” (PINSKY, 2014, pos. 719).



Nesse sentido, os diários de Clarice revelam seu desejo em encontrar de forma “despretensiosa” nas ruas da cidade as suas paixões, em grande maioria platônicas: “Estou louca pra ver uma pessoa na rua, mas a pessoa parece que não quer sair da toca. Veremos se até a noite terei alguma novidade” (7 de dezembro de 1954). Ao passo que circular na cidade deveria acontecer por meio de alguma tarefa planejada; assistir filmes no cinema parecia ser a atividade mais adequada e facilitadora para que Clarice pudesse atingir os olhares de suas paixões. Em diversos momentos dos diários, ela menciona o nome dos filmes assistidos e sua opinião sobre as tramas. Embora o artigo aqui exposto não pretenda esmiuçar os conteúdos cinematográficos assistidos por Clarice, é necessário mencionar que essa atividade de lazer já era antiga na cidade de Pelotas. Em 1896 aconteceu a primeira projeção de um filme na cidade. “Ainda que não se possa considerar que a sessão de 1896 marcasse a instalação da primeira sala permanente de exibição de filmes na cidade [...] a data serve como marco inaugural de uma atividade comercial que iria rapidamente se desenvolver pelos próximos anos” (CUNHA, 2012, p. 69). Desde 1930, o desenvolvimento da instalação de salas de cinema permaneceu em crescimento, sendo nesse contexto a exibição do primeiro filme sonoro na cidade, que já contava com empresas possuidoras de mais de dez salas para o público.

Na década de 1950, o contexto em questão vivenciado por Clarice, deu-se o apogeu cinematográfico, tendo em vista que, com novos investimentos empresariais diversas salas foram construídas com instalações de novas tecnologias de som e imagem. Nos diários, Clarice mostra-se frequentadora assídua das salas de cinema mais populares, o “Cine Capitólio” e o “Guarany”. Nesse mesmo período, havia outras salas bastante frequentadas como o Cine-Theatro Apollo, Cine-Theatro Avenida, Cine-Theatro São Raphael, Theatro Sete de Abril, Cine América e Cine-Rádio Pelotense (CUNHA, 2012). Durante a pesquisa, na tentativa de cruzar as fontes de Clarice com outras relacionadas às sociabilidades urbanas da cidade, a consulta no jornal “A Opinião Pública” foi necessária para a compreensão desse espaço de sociabilidade, como também um reconhecimento sobre os filmes exibidos e o público nesses estabelecimentos. A partir de análise acerca do 1954, constata-se que os cinemas tinham sessões com público distintos, já que as salas localizadas em bairros afastados do centro, por exemplo, Cinema do SESI, eram frequentadas pelos moradores dos bairros, ou seja, um público de menor poder aquisitivo. No que se refere à distinção de gêneros, havia sessões chamadas “Dia das Moças” nos cinemas Capitólio, Avenida e Apollo, assim como também o “Clube das moças” no Cine Fragata,



outro cinema cujo nome corresponde a um bairro distante do centro da cidade.

Embora os diários de Clarice não forneçam informações específicas sobre as temáticas das produções cinematográficas, sabe-se que as sessões femininas ocorriam durante a tarde e “os filmes especialmente escolhidos [...] eram leves, não proporcionavam questionamentos acerca dos modelos tradicionais de família, e com a mensagem ‘juntos por amor’, reforçavam a ideia de relacionamentos únicos e eternos” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 2933). O amor romântico presente nos filmes do período ainda é um tema de pesquisa a ser desenvolvido, contudo, é possível afirmar que esses filmes influenciaram na percepção de si de Clarice sobre os ideais de relacionamento da mesma forma que os padrões de beleza. Sobre isso, em nossa perspectiva as tentativas de Clarice em perder peso estão relacionadas ao padrão de beleza (loiras e magras) correspondente a algumas atrizes de Hollywood, assim como também as expectativas amorosas que ela nutria quando imaginava encontrar rapazes que se parecessem com os atores desses filmes. Abaixo, algumas passagens indicam o desejo por encontros com homens parecidos com Mel Ferrer e Farley Granger:

Passei a noite sonhando com Mel Ferrer, que espetáculo de homem. Se existisse um assim por aqui eu pegaria de qualquer jeito (19 de agosto de 1954).

Se o Mel Ferrer fosse como no filme que maravilha. Aquilo nem é homem é super (19 de agosto de 1954).

No radio está tocando uma valsa tão sugestiva a recordações mas eu coitada que recordações posso ter, nenhuma. Portanto nada me resta senão ficar triste sem motivo. O spilner disse que o nome da valsa é valsa de Melba Melba é o nome daquela grande cantora que tinha uns admiradores tão queridos no filme. Eu acho que desse tipo de homem nunca verei portanto é melhor conformar-se pois eles só existem na Europa. Principalmente em Paris... (19 de outubro de 1954).

Mas deus escreve direito por linhas tortas, pode ser que eu ache um marido muito bonito tipo Mel ou Tony e vá morar na Europa. Bem, por hoje chega. Um beijo para o Tony. B by Clarice (19 de outubro de 1954).

Além disso, os diários sinalizam a assiduidade de Clarice nas idas ao cinema,



contando com duas sessões por dia: a primeira às 14 horas e a segunda às 16 horas - totalizando assim 35 filmes assistidos. Dado o exposto, os relatos de Clarice indicam que a assiduidade condiz com uma boa condição econômica; os títulos dos filmes revelam a preponderância de produções hollywoodianas; e a prática de ir ao cinema evidencia também normas de conduta bem estabelecidas em um ambiente propício para flertes e inícios de namoro. Sobre este último, “as trocas de olhares, os encontros de casais, os namoros e as conversas se constituíam em um tipo de sociabilidade nos espaços do cinema [...]” (FERREIRA; ALVES, 2013, p. 5). Nos diários, Clarice pouco relata seus flertes durante as sessões que frequentava. Na grande maioria das vezes, as idas ao cinema aconteceram na companhia de amigas, visto que estar em companhia era a postura mais adequada para frequentar esse ambiente. Comparecer nas sessões sozinha ou com um homem prejudicava a reputação das mulheres, pois o ambiente escuro das salas oportunizava contatos que seriam considerados “errados”. Mary Del Priore afirma que a educação das moças de família priorizava um distanciamento nos contatos mais íntimos com os homens: “os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha que impor respeito” (DEL PRIORE, 2012, pos. 4852). Ainda que a regra fosse clara, não havia impedimentos para que esses contatos acontecessem. Nos trechos abaixo temos exemplos em que Clarice se posiciona sobre normas de conduta no cinema:

Resolvi me afastar da Maria da Graça porque é como diz a mamãe, nada lucro com a companhia dela. Ela no cinema anda de abraços com o Wolny é guria sapeca, sempre foi coisa perigosa, fiz as queixas que podia para a tia Ofélia e me retirei. Nunca mais me meterei na vida dela, e se esborrache e cave com a mão. Eu por mim prefiro andar só do que mal acompanhada. (13 de maio de 1955).

Durante este período de férias meu programa escasso como todos era o seguinte: Rine e cinema. Dia de semana durante esse período andei com a Maria da Graça. O último domingo de férias fomos juntas ao cinema. Eu ela e Selma. Encheu de tal forma a plateia que fomos forçadas a subir os camarotes. A antipatia em pessoa que eu não sabia o nome juntamente com a burrice em pessoa combinaram que podíamos ir com eles para o camarote. O filme que levava era com Dóris Day e o narigudo cantor de jazz.



Eu procurava prestar atenção aos filmes pois a antipatia que para o pior dos pecados é irmão do Nelson a todo custo queria pegar a mão da Selma. (12 de julho até 15 de agosto de 1955).

Se o cinema era um facilitador de flertes, os diários revelam que o caminho até ele já era parte do processo para esses encontros, inclusive algumas passagens do diário sugerem um trajeto nas ruas da cidade:

Dormi até tarde e fui ao cinema das duas horas com a Beatriz no Capitólio ver “O homem dos papagaios” e as quatro no Guarany ver “Sentinelas do deserto”. Dei uma volta na 15 e vi o Luiz Eduardo, ele deixou o bigode crescer um pouco. Chiquinho me encontrou e deu parabéns pela colaboração para com a “culturaarte”. Vim para casa, jantei e fui a missa das 8 horas. (3 de outubro de 1954).

Bem agora posso descrever rapidamente meu domingo: missa das 11 na catedral, cinema das 2 “O mundo se diverte” pela 2º vez 4 horas “Peter Pan” e “Aves aquáticas”, viemos depois para casa comer e dormir. Agora tenho passado quase diariamente pela casa do Juca e nem sinal dele, o pior é que meu amor por ele passou e isto está me fazendo perder a elegância e aquele choro tão agradável que dá no coração dos que amam. (26 de outubro de 1955).

Como posto acima, a possibilidade de encontros estava em torno de um trajeto mais ou menos frequente: A missa pela manhã ou final da tarde realizada na catedral São Francisco de Paula, na qual a localização aponta para o início do passeio, na rua XV de novembro. A extensão dessa rua, abundante em lojas comerciais, termina na praça Coronel Pedro Osório, a principal praça do centro de Pelotas. Segundo Miguel e Rial (2013), a denominação para esse passeio é *footing*, uma atividade de costume europeu introduzida no Brasil desde o início do século XX com plenitude entre as décadas de 1930 e 1960. Na historiografia sobre as sociabilidades de Pelotas, Vanessa da Silva Devantier confirma que o *footing* pelotense corresponde ao trajeto posto por Clarice nas passagens acima. As entrevistas orais incorporaram detalhes sobre o *footing* ser feito em grupo, evitando impreterivelmente a passagem na calçada em frente ao Café Nacional, atual Café Aquários, também localizado na rua em questão¹². Logo, o *footing* representava a “ocasião para o flerte, para trocas de olhares, gestos e

Letícia Portella Milan
Os diários de Clarice Tavares Xavier:
uma leitura sobre o lazer e sociabilidade
da elite pelotense (1950)



códigos; [...] representou para as moças uma primeira oportunidade de ver e ser vista [...]” (DEVANTIER, 2013, p. 113).

A rua XV de novembro, considerada “vitrine de uma urbe moderna e civilizada” (DEVANTIER, 2013, p. 58), era um símbolo da modernidade pelotense. Nessa rua estavam concentrados os principais estabelecimentos comerciais da cidade, tais como “joalherias, salões de beleza, casas de modas, casas de calçados, pelarias, confeitarias [...] ateliês fotográficos, livrarias [...], cinemas [...], bazares, restaurantes e hotéis (DEVANTIER, 2013, p. 36). Assim sendo, o processo de modernização da cidade tornou essa rua mais movimentada do que em tempos anteriores, colocando em risco sua “civildade”. Se a modernização impactou no aumento do tráfego de automóveis, a circulação nas ruas também se tornou um problema para a administração da cidade. Dessa forma, “para manutenção desse simbolismo de civildade e modernidade, as mídias locais condenavam pessoas e comportamentos que pudessem desvirtuar sua elegância” (MILAN, 2018, p.136).. Para isso, algumas restrições foram feitas e o *footing* na rua XV de Novembro ficou restrito para uma “circulação do mundo elegante, fazendo-se ainda a devida diferenciação da classe dos ‘não elegantes’, e que deveria exibir as melhorias dignas de uma cidade progressista” (DEVANTIER, 2013, p. 58).

Ainda sobre o *footing* e a possibilidade de encontros amorosos, em uma entrevista com Lucia Helena, amiga de juventude de Clarice, ela expôs um diário fotográfico em que relatou a maneira como conheceu seu falecido marido. Nas folhas desse diário ela conta, por meio de fotografias e adereços especiais do casal, momentos desse romance. O que surpreende na leitura, e que se vincula ao que estamos discutindo aqui, é a forma como ambos se conheceram: “ele estava passeando na rua XV de Novembro quando avistou na vitrine de uma loja de fotografias um retrato de Clarice ao lado de Lúcia Helena” (MILAN, 2018, p.136). Esse relato contribui para pensarmos as lojas de fotografias como um elemento de distinção e sociabilidade, visto que a exposição nas vitrines era dedicada às classes abastadas. Para além disso, a informação sobre o romance de Lucia Helena com seu falecido marido também resolveu um enigma presente nas narrativas de Clarice: o moço que Clarice namorou por um determinado tempo era o marido de Lucia Helena. Luiz Carlos Brody, ou nas palavras de Clarice, o “Brody”, foi uma das suas paixões que lhe trouxe mágoas e profunda tristeza após um término abrupto da relação. A partir dessa entrevista, foi possível entender que “Brody” se interessou por Lucia Helena por meio da fotografia exposta na vitrine de uma loja de fotografias na rua XV de Novembro. Contudo, durante a entrevista, não ficou claro se o interesse de “Brody” em Lucia Helena



surgiu durante o período em que ele namorou Clarice.

Em suma, o que foi posto indica aspectos da modernização nas quais a prática do *footing* compõe um trajeto da Catedral, passando pela rua XV até a praça Coronel Pedro Osório, demarcada por uma vivência das classes sociais elevadas e da formação de novos círculos afetivos da elite pelotense. Sobre a fotografia, nas narrativas de Clarice, os retratos eram tirados em festas promovidas pelos clubes sociais frequentados pela elite. Em uma passagem dos diários, ela reclama sobre a demora da prontidão de seus retratos tirados em um evento: “o cuíca até agora nada dos meus retratos, o da Ilizinha de Madalena e o da Therezinha Boning de Verônica estão ótimas em exposição nas vitrines da Krentel” (8 de abril de 1956). Reafirma-se nessa passagem a importância da exposição dos retratos no centro da cidade. Embora não tenha sido possível localizar qualquer informação sobre a loja Krentel, é provável que o trajeto feito por Clarice permitisse avistar uma rede de pessoas de sua camada social com fotografias expostas nas lojas das ruas centrais, em especial na XV de Novembro.

Nessa perspectiva, sabendo que a fotografia atua “como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar” (MAUAD, 1996, p. 11), o cuidado com a aparência era fundamental para as mulheres de elite, em especial no que se refere ao padrão estético do corpo feminino e o vestuário adaptado às tendências da moda. Como já dito anteriormente, Clarice elaborava regimes que eram arruinados quando ela era convidada para alguma celebração. No trecho abaixo, Clarice tem um desentendimento com sua mãe, e por conta disso é proibida de exercer seu costumeiro passeio no centro da cidade. Apesar do infortúnio, Clarice transforma o castigo em uma oportunidade para melhorar a aparência e conquistar um outro rapaz:

Hoje tem evasão ao meu espírito de porco pois a mãe estava mexendo com ele. Tenho a impressão que ela está querendo me castigar, me fará muito bem. Pegou todos os meus vestidos, sapatos e miudezas e meteu tudo em duas malas que eu não sei onde meterá, coitada! Não fará bem ao seu sistema nervoso deixar uma pessoa predestinada como eu no chinelo. Em todo caso eu bem estou precisando de um tempo de exclusão, pois assim para não cair no tédio eu terei que me voltar para os estudos e para a literatura desenvolvendo bastante minha capacidade de estudo, e durante qualquer seja o tempo em que ela guarde as tais malas eu estudarei, escreverei não sairei de casa e não comerei. No fim



deste tempo eu estarei mais estudiosa e com a pele melhor. Tirarei umas férias da 15 e quando aparecer o Juca se espantará com a minha beleza e a minha magreza vindo diretamente para mim enjoado de qualquer guria que ele esteja de olho. Se a mamãe fizesse tudo isto sem encher o dia com remorsos e desgostos isto seria proveitoso para ela e para mim. (26 de setembro de 1955).

Como observado acima, Clarice está tentando se adequar a uma expectativa de beleza, que em grande medida foi deflagrada pela cultura americana por meio de propagandas e filmes hollywoodianos que contavam com atrizes como, por exemplo, Marilyn Monroe ou Doris Day. No auge de uma política de consumo, a década de 1950 é marcada pela propagação da importância das aparências e dos cuidados com o corpo, enquanto a mídia aproveitava para vender produtos que prometiam sucesso na conquista amorosa. Nesse sentido, o cuidado com a pele mencionado por Clarice pode ser localizado nas excessivas propagandas de cosméticos presentes nas revistas femininas que ela lia¹³. Sobre a publicidade de produtos de beleza, Sant’Anna afirma que “coube aos anúncios dos diferentes produtos divulgar suas existências, mas, muito mais, agenciar a possibilidade ao consumidor e à consumidora, numa ação de emulação entre o seu corpo e aquele outro visto, descrito e garantido”. (SANT’ANNA, 2013, pos. 370). Dessa forma, o contato com os padrões de beleza expostos nos filmes de Hollywood e propagandas de cosméticos dá-se por meio de imagens que interferiram no hábito de cuidado de si de Clarice, de maneira que em inúmeras passagens dos diários ela anota seu peso, remonta regimes e sente tristeza por sua inadequação aos padrões de beleza vigentes da época. Nesse interim, o poder da propaganda e a promessa de transformações milagrosas são bem situados por Sant’anna, quando a autora identifica na marca Pond’s uma campanha publicitária que evocava:

[...] a mágica, que todo produto cosmético prometia, era de tornar a mulher numa outra, parecida aquela que depunha a favor da marca, mas que manteria conquistado ou conquistaria um marido e a felicidade para si, pois com uma pele impecável seria mais feliz, bela e distinta, tal como aquelas mulheres ‘admiráveis’. (SANT’ANNA, 2013, pos. 325).

Sob outra perspectiva, as medidas corporais de Clarice também estavam relacionadas às roupas que ela planejava construir. A confecção de roupas compunha uma outra forma de sociabilidade urbana por meio da busca de lojas

Letícia Portella Milan
Os diários de Clarice Tavares Xavier:
uma leitura sobre o lazer e sociabilidade
da elite pelotense (1950)



de tecido e de costureiras. As festividades em clubes sociais exigiam das moças da elite uma diversidade de vestidos de festa que deveriam ser elaborados para cada ocasião. Nessa época, Clarice havia sido escolhida a rainha do carnaval do Clube Brilhantes, uma das associações recreativas da elite pelotense. Logo, o cuidado com a aparência tornava-se um pouco mais exigente para Clarice, já que ela era uma representante na sociedade pelotense. Em suma, “além das compras, cuidar da aparência entra no rol das atividades comumente associadas ao ‘lazer feminino’ e ligada ao consumo de produtos e serviços. Moda e beleza têm lugar cativo nas propagandas voltadas ao sexo feminino” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 3096). Se as fotografias exibidas nas vitrines da rua XV de Novembro são um modo de controle social através do olhar, podemos afirmar que a imagem serviu para as elites como um artifício de poder, onde a demonstração da distinção social e capital simbólico ocorria através da exibição do consumo em produtos de beleza e moda. Nessa lógica, a modernização da cidade funcionou como um grande desfile público de moda:

[...] A moda é o que impulsiona os sujeitos a tomarem da aparência como o lócus de investimento e constituição da distinção social, que mais do que uma distinção entre as classes sociais é processo identitário, de si consigo mesmo e de si para com o outro; é a possibilidade de ser numa sociedade regida pelo mito da imagem. (SANT’ANNA, 2005 p. 122).

Com a modernização, as predecessoras sociabilidades que ocorriam nos encontros em moradias e missas na igreja foram sendo convertidas em cinemas, praças, clubes e teatros. “A intensificação da vida social com o surgimento desses espaços de lazer e sociabilidade provocou maior circulação de pessoas, requerendo maiores cuidados com a aparência, influenciando, assim, o consumo de moda [...]” (MATOS, 2009, p. 43). Nesse sentido, os clubes sociais e suas programações semanais fizeram com que o contato de Clarice com o centro da cidade fosse mais intenso. Por isso, a roupa tinha uma específica devoção, metamorfoseando o guarda-roupa como um local abarrotado de variadas vestes. “Eram necessárias roupas para os bailes, para os passeios públicos, para as compras, para as missas, entre outros. Tais práticas não são tão novas, mas os usos das modas modernas visando abranger o espaço público representavam mudanças na sociabilidade” (MACHADO JÚNIOR, 2010, p. 63). Na pesquisa, os diários indicam que a confecção de roupas é o maior gasto econômico, e o



relacionamento de Clarice com o planejamento dos vestidos acontecia através de um processo criativo elaborado através de desenhos. À medida que irrompia novos bailes, casamentos ou festas havia o desvelo em arquitetar o desenho de um vestido, ir à loja de tecidos, adquirir o aparato, prover uma costureira para confeccionar o vestido, experimentar a roupa e, por fim, vesti-la para a ocasião que foi singularmente preparada.

Desse modo, as narrativas de Clarice evidenciam a conexão entre o vestuário e espaços de sociabilidade urbana em dois panoramas: o primeiro, a moda como elemento constitutivo da sociabilidade por meio dos requisitos de traje correspondentes a cada espaço social; e o segundo, a moda como um consumo relativo ao lazer feminino promovendo uma sociabilidade feminina na cidade. Na pesquisa, foi desenhada uma tabela que localizou cada roupa arquitetada por Clarice e qual ocasião correspondia. A partir disso, interpretamos a roupa não somente como um elemento constitutivo das sociabilidades e identidades, mas também como um documento histórico que indica a dinâmica das classes sociais. Segundo Michelle Kauffmann Benarush, “a roupa, quando vira memória, evidencia trajetórias cotidianas e propõe reflexões próprias que podem e devem ser comparadas às suas representações textuais e imagéticas” (BENARUSH, 2012, p.115)

Nos diários e entrevistas orais, as narrativas indicam a roupa como um objeto que entrelaça a memória feminina. A “memória trajada”, termo cunhado por Michele Perrot, tem como ponto de partida a reflexão em torno da roupa como marcador da memória das mulheres, isto porque a maneira como os homens e mulheres percebem o mundo está diretamente ligada aos diferentes papéis sociais desenvolvidos por ambos. Na visão de Perrot, “uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço (PERROT, 1989, p. 14). Em outras pesquisas, a mesma relação com a memória trajada foi verificada. Por exemplo, a historiadora Ivana Simili (2012), ao analisar os diários de uma prostituta, concluiu que a autora do diário registrava seus sentimentos a partir dos trajes de sua clientela. Logo, para Simili, as indumentárias “[...] constituem os restos e os rastros do passado, na forma de panos, que tecem os tecidos da memória” (SIMILI, 2012, p. 2).

Nos diários de Clarice, a recordação sobre os eventos sociais é em grande parte lembrada através da descrição dos tecidos, cores e detalhes. Além disso, a partir das roupas conseguimos obter informações sobre a contabilização do dinheiro que Clarice recebia de seu pai. Nesse sentido, no que tange à questão



de gastos financeiros, os diários também serviram como um instrumento de cuidado de si, pois, a partir dessas anotações, Clarice aprendia a cuidar das suas economias. Abaixo, algumas passagens exemplificam esses gastos:

Vi um tropical espetacular 200 o metro, porém quero ver se poupo a minha mesada. (12 de maio de 1955).

Ganhei minha mesada, 600 gastei, 300 em sapato, 8 em A Romana e 5 em Marvel, doces não sei quanto, sobraram-me 270. Separei 200 e gastarei os 70. (21 de abril de 1955).

Meus pobres 600 mal chegaram, pois um sapato de 300 e por ai vai. (27 de maio de 1955).

Hoje recebi minha mesada, vou começar por separar 200 para o Rio e o resto terei que pagar: 20 mensageiros da Salete, 45 em disco, 50 meias. Ver preço de um camisa de nylon, calça e carpinhos comuns. Fazenda para um chambre. (13 de março de 1955).

Gastei 150 em cinta e corpinho, 38 em brincos, patinha 25, Cinelândia querida e GH 19, a Tereza 10 (dívida), rifa 10, três pastéis 11, empréstimo 4, Beatriz 2 reais (emprestado) e Berenice 20 réis (emprestado). total é 289. Folhas da Irmã Maria Ene 3 réis, dinheiro da Genoveva 10, multa 0,50, Idade Nova 50, São Jose 20, um retrato por 50 e outro retrato por 30. Total 163,50. (15 de setembro de 1955).

Amanhã receberei meu dinheiro, porém tenho que pagar o cinto e o conserto do guarda-chuva, porém perdi a notinha dos dois, tenho que mandar consertar minha peteca e comprar roupas de baixo pois estou mal de soutiens. Vou começar a fazer economia, vou botar 150 de fora, 150 para emergência e 100 para economia. (1º de abril de 1955).

De acordo com as anotações financeiras de Clarice, o valor de sua mesada era 600 cruzeiros por mês. Para situar o leitor em relação ao significado desse montante, em 1955 o salário de um trabalhador comum correspondia a 2300 cruzeiros¹⁴. Logicamente, o total desse valor era destinado para sobrevivência desse trabalhador. Contudo, a consulta nos jornais da cidade revela que os preços de alimentos sofriam variações diárias, o que significava uma instabilidade na economia familiar desses trabalhadores. De acordo com o relato acima, os



gastos de Clarice estavam majoritariamente destinados em acessórios, roupas e tecidos. As entrevistas orais também confirmaram que as moças da elite tinham um gasto exorbitante na confecção de roupas.

No que diz respeito aos estabelecimentos comerciais, não encontramos dados referentes ao número de locais especializados em costura e venda de tecidos na década de 1950. As informações sobre esse tipo de estabelecimento foram desenvolvidas na pesquisa de Morgana Riva (2011), que identificou na década de 1930 aproximadamente 20 anúncios de serviços. Segundo Riva, algumas lojas de tecido ofereciam roupas prontas em que o valor era 40% mais caro que os serviços de confecção oferecidos por costureiras ou alfaiates. Apesar da venda de roupas prontas, essas lojas também possuíam costureiras no próprio estabelecimento de venda, pois “a maior parte da população, de renda média, comprava os tecidos e mandava confeccionar ou costurava ela própria, o que vestia.” (SANT’ANNA, 2013, pos. 393). Nesse sentido, a compra de tecidos e a confecção de roupas possuíam uma dupla função: um lazer e sociabilidade das mulheres na cidade. O período que propomos estudar tem uma carência de pesquisas sobre a moda em Pelotas, por isso o desenvolvimento sobre esse assunto foi desafiador para compreendermos as informações sobre moda nos diários de Clarice. Contudo, há menção a nomes de algumas costureiras da cidade, pois, apesar de também prevalecer uma ausência nas pesquisas acadêmicas sobre o trabalho dessas mulheres, nas entrevistas orais o trabalho dessas costureiras foi mencionado. Desse modo, os diários e as entrevistas orais foram salutarés na rememoração das confecções de roupas de Graziela¹⁵ e seu nome também foi encontrado na pesquisa de Marina Pelissari (2012) sobre os espaços de sociabilidade da elite da cidade de Rio Grande, no mesmo período proposto aqui.

Considerações finais

Concluimos que o *footing* na rua XV de Novembro, as sessões no cinema e o consumo e confecção de vestuários foram os principais espaços de sociabilidade urbana de Clarice. Sob uma perspectiva da elite em Pelotas na década de 1950, a sociabilidade caminhava ao lado dos avanços e modernizações que chegavam na cidade. Desse modo, as narrativas de Clarice apontam que o cinema teve ampla influência na ideia de amor durante a formação de relacionamentos amorosos, assim como os filmes de Hollywood moldaram sua percepção sobre os padrões de beleza almejados. As práticas como o *footing* e a compra de produtos estéticos



caminharam em torno dos mecanismos de visualidade, em que a roupa serviu como um símbolo de distinção social e meio de lazer e sociabilidade feminino. Em resumo, as sociabilidades urbanas presentes nas narrativas de Clarice são marcadas pelo flerte, pelo romance e pela visibilidade.

Referências

BENARUSH, Michelle Kauffmann. Moda é patrimônio: o pensar da roupa no museu: Indumentária e moda: caminhos investigativos. In: SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (Orgs.). *Indumentária e moda: caminhos investigativos*. Maringá: Eduem, 2013. p.57 – 69. *E-book*.

BUSINO, Giovanni. *Elites e élitisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

CUNHA, João Manuel dos Santos. Verbete Cinema. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena, MAGALHÃES, Mario (Orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012. p.69 – 76

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. *E-book*.

DEVANTIER, Vanessa da Silva. *Visões do Urbano: a Rua XV de Novembro, Pelotas/RS*. 2013. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

EICHOLZ, Josué. *Elites locais e caridade: Estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas - RS (1880-1920)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

FERREIRA, Lucivânia Mendes; ALVES, Luciano Carneiro. *Sociabilidade nas salas de cinema em Rondonópolis: O Impacto da Mudança das Salas de Exibição para o Espaço do Shopping Center (1950-2001)* In: Anais Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal, 2013. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1393535392_ARQUIVO_Lucivania.pdf> Acesso em: 20 dez.2017.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *juDe província de São Pedro à Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre: FEE-RS, 1981.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro:



Editora FGV, 2004.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá Machado. *Fotografias e Códigos Culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LOPES, André Luis Borges. *A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoria e Resistência (1947-1957)*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2.ed. Pelotas: EdUFPEL, 1993.

MATOS, Juscelina Bárbara Anjos. *Costurando moda: Uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. *Tempo*, vol.1, n.º.2, p.73-98, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 17 abril.2016.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. *Lazer: Programa de Mulher*. In: PINNKY, Carla B. PEDRO, Joana M. *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013. *E-book*.

MILAN, Letícia Portella. *Lazer e sociabilidade da elite pelotense: os diários de Clarice Tavares Xavier*. 2018. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2018.

OLIVEIRA, Leni Dittigen de. *Verbete Bondes*. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012. p.37-38

PAIM, Paulo. *Salário Mínimo: uma história de luta*. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações – SEEP, 2005. Disponível em: <http://www.senadorpaim.com.br/uploads/downloads/arquivos/7b710bd59ea9d6a926eafe7a9f2b1634.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.

Letícia Portella Milan
Os diários de Clarice Tavares Xavier:
uma leitura sobre o lazer e sociabilidade
da elite pelotense (1950)



PELISSARI, Marina Kruger. *A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23> Acesso em: 17 abril.2016.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014. *E-book*.

RIVA, Morgana. *A moda em tempos de crise: moralismo e criatividade no vestuário pelotense no início da década de 1930*. 2011. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Consumir o belo, tornar-se moderno nos anos 1950 e 1960. In: SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (Orgs.). *Indumentária e moda: caminhos investigativos*. Maringá: Eduem, 2013. p. 15-40. *E-book*.

SIMILI, Ivana Guilherme. Memórias trajadas: roupas e sentimentos no diário íntimo de uma prostituta. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 30, n. 2, p. 1-23. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/240/173>> Acesso em: 24 jul. 2018.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHOS, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1996. p. 165- 181.

VARGAS, Jonas Moreira. *Pelas Margens do Atlântico: Um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Notas

¹Tenho Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2014), Mestrado em História pela Universidade Federal de Pelotas (2018) onde desenvolvi minha dissertação intitulada “Lazer e sociabilidade da elite pelotense: os diários de Clarice Tavares Xavier”. Atualmente sou doutoranda (Bolsista Capes) em História pela Universidade Federal de Santa Catarina onde desenvolvo uma tese sobre Sylvia Plath e os Regimes emocionais da Guerra Fria. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6899-0472>..



²As pessoas entrevistadas foram Maria da Graça Gazalle, Carmem Machado dos Santos e Lucia Helena Brauner. Os encontros foram realizados no horário e local de preferência das entrevistadas e as entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas às depoentes junto a um termo de cessão gravado por voz. Sabendo que as depoentes tinham idade avançada, apresentamos os diários de Clarice e algumas fotos a fim de acionar “gatilhos de memórias” durante a conversa. No que tange à pesquisa no arquivo da Biblioteca Pública de Pelotas, o jornal acessado foi “A Opinião Pública” referente aos anos de 1954 e 1955.

³Para um maior aprofundamento a respeito da escrita de si e diários pessoais como fonte histórica ver o primeiro capítulo da dissertação que resultou no presente texto. Na dissertação, são discutidas as definições dos diferentes tipos de escritas de si, do mesmo modo, é indicado referências de outras pesquisas que seguiram a mesma perspectiva histórica proposta.

⁴A dissertação contém 5 capítulos nos quais são desenvolvidos os espaços de lazer e sociabilidade referentes ao lar, onde Clarice tinha as práticas de escrita (romances e os diários) e leitura (livros de literatura e revistas), os espaços de sociabilidade educacionais referentes aos Colégio São José, Escola de Bellas Artes, Conservatório de Música e Aliança Francesa. Os espaços de sociabilidade em associações recreativas correspondentes aos Clubes Brilhante, Comercial e Diamantinos. Por fim, os espaços de lazer sociabilidade da cidade, os quais serão apresentados no presente artigo.

⁵Essa idealização corresponde a uma narrativa de Clarice sobre seu objetivo, contudo está além das simples questões do indivíduo. Ou seja, não se trata de uma experiência individual isolada, da mera profundidade da subjetividade sem limites, mas dos contornos vivenciais do indivíduo em suas “miudezas, intimidades e subjetividades” em articulação com padrões e valores socialmente construídos. O “emagrecer”, mais do que uma vontade peculiar do “eu”, é um registro do tempo histórico.

⁶Sobre os regimes de Clarice, a dissertação explora questões relacionadas aos padrões de beleza na década de 1950. Para exemplificar as tentativas de perda de peso, a segue-se os seguintes relatos de Clarice: “Já fez muitos dias que levantei da cama. Hoje ferrei-me no colégio. 70 quilos? Que barbaridade. Não adianta fazer regime que ninguém leva a sério. Desde a última vez que escrevi fui a diversas festas. Uma foi a do aniversário de Maria Teresa Castro ela estava um amor, mas foi tudo mal servido. Fany muito exibida nem me reconheceu e não parou de dançar o tempo todo. Eu não dancei nenhuma vez acho que é por que sou muito gorda (25 de maio de 1954); Não quero chegar no Rio gorda vou fazer uma novena para Nossa senhora para não ser tão sem caráter (25 de maio de 1954); Hoje pus em dia os cartões de meu aniversário. Repito: tenho que emagrecer com que cara me apresentarei em julho no Rio (28 de maio de 1954); Engordei muito nesta última semana e se não estou um boto não me chamo Clarice (19 de agosto de 1954); Estava fumando para emagrecer, vovó chegou e eu meti o cigarro fumegando na bolsinha (5 de janeiro de 1955); Estou pesando 65 quilos e fiz uma promessa para santo Antônio a fim de obter boa vontade para os estudos. Amanhã fará uma semana que estou num regime 123, o primeiro dia só líquidos, o segundo só legumes e frutas, e o terceiro tudo que eu gostar (28 de janeiro de 1955); Dizem que estou ficando mais magra tomara que seja verdade (3 de fevereiro de 1955); Ontem fumei, mas em compensação comi 4 doces de modo que hoje estou privada de alimento (8 de fevereiro de 1955)”.

⁷Sobre as contribuições do Visconde da Graça ao Asilo de mendigos, cf. a dissertação de



Josué Eicholz (2017).

⁸Cf. Jonas Vargas (2013) em sua tese, que mostra as estratégias sociais e econômicas das famílias produtoras de charque em Pelotas. Segundo o autor, o prestígio dessas famílias ajudou a compor um poder político regional em que os laços familiares foram essenciais para manutenção dos recursos materiais e alcance no poder exterior enquanto mediadores.

⁹Termo utilizado por Jonas Vargas para se referir aos “estilos de vida, nas políticas de sucessão familiar e nas engenharias matrimoniais” das elites (VARGAS, 2013, p.37).

¹⁰Tradução referente ao original: “Les usages finissent par donner au mot élite une acception propre, celle qui désigne la minorité disposant, dans une société déterminée, à un moment donné, d'un prestige, de privilèges découlant de qualités naturelles valorisées socialement (par exemple la race, le sang, etc.) ou de qualités acquises (culture, mérites, aptitudes, etc.)” (BUSINO, 1992, p.4).

¹¹Dados obtidos através do censo demográfico do Rio Grande do sul no ano de 1950. Os dados podem ser acessados através da Fundação de Economia e Estatística (1981).

¹²Esse café é considerado um espaço de sociabilidade masculina. Passar em frente ao café poderia resultar em assédio sexual. Desse modo, ainda que o presente artigo não esteja explorando de modo mais intenso os contornos e consequências políticas dessas narrativas, a questão do café revela não somente um padrão estético-normativo ou comportamental subjetivo, mas uma normatividade patriarcal profunda no seio das elites urbanas

¹³As revistas são Grande Hotel, Cinelândia, Manchete, Revista da semana, Querida e Cruzeiro.

¹⁴Dados compilados a partir de Paulo Paim (2005), sobre a evolução do salário mínimo no Brasil.

¹⁵Modista Graziella Gastal Simões Lopes